**A radicalidade em assumir a Palavra e a cruz de Cristo**

Por: Celia Soares de Sousa

A eclesiologia do Papa Francisco tem mostrado desde a escolha do nome, que mais que um nome, Francisco é um modo de vida; ou, como diz Leonardo Boff: “Francisco não é um nome… É um projeto de Igreja, pobre, simples, evangélica e destituída de todo poder (…). É uma Igreja ecológica que chama todos os seres com a doce palavra de ‘irmãos e irmãs”.[[1]](#footnote-1)

Na audiência após o conclave que o elegeu, Papa Francisco falando um pouco sobre o papel da Igreja, lembrou que “Cristo é o centro de tudo, não o sucessor de Pedro”. Ao se referir ao nome escolhido ele relembrou que Francisco de Assis era um homem da pobreza e da paz, e comentou “Como eu queria uma Igreja pobre, e para os pobres”.[[2]](#footnote-2)

Seu nome é uma missão, e para iluminar e animar ainda mais nossa missão de cristãos, no mês de junho de 2013, em uma de suas Catequeses, o Papa Francisco disse que precisamos de “cristãos de ação e de verdade”. Inspirado no Evangelho de Mt (7,21-29) ele convida aos cristãos a firmar sua vida sobre a rocha que é Cristo.

O Papa faz uma distinção importante entre duas classes de cristãos, identificadas na história da Igreja: o primeiro grupo são aqueles que entendem ser suficiente repetir: ‘Senhor, Senhor, Senhor!”; o segundo, que ele chama de autênticos são “cristãos de ação, de verdade”. Ele evidencia que “desde sempre existiu a tentação de viver o cristianismo fora da rocha que é Cristo” e outra tentação “de viver um cristianismo sem Cristo”.

Essas tentações já existiam no contexto das primeiras comunidades cristãs.

As narrativas do Livro do Apocalipse (que quer dizer: revelação) nas Sagradas Escrituras deixam entrever uma realidade de cristãos que viviam em constante perseguição e João, “irmão e companheiro de vocês na tribulação, na realeza e na perseverança em Jesus” escreve, da chamada Ilha de Patmos, para fortalecer a fé e o seguimento nos ensinamentos de Jesus para as 7 comunidades descritas no livro (cf. Ap 1,1), perseguidas por causa da Palavra de Deus e do testemunho de Jesus.

O império romano não contente com a morte de Jesus de Nazaré, perseguia os cristãos e muitos sofriam a morte pelo martírio. Tempo de resistência e profecia.

Ser cristão em tempo de Igreja perseguida não era nada fácil. Porém, o importante chamado para as comunidades cristãs era a conversão, compreendida como processo de mudança interior, do grego *metanoia*. Remete a uma mudança de atitude e de ação. Só a partir deste movimento é que as comunidades passaram a compreender a vida e a história diante do testemunho de Jesus. Eles tornavam-se, portanto, testemunhas da presença e ação de Jesus (Ap 19,10).

O livro do Apocalipse, além de apresentar a situação histórica das primeiras comunidades cristãs no final do primeiro século, critica a força diabólica do poder imperial (cf. 13,1ss). Havia o desgaste pelo conflito interno nas comunidades e o cansaço normal por resistir a perseguição constante. Diante da necessidade de resistir na missão profética do testemunho de Jesus, a comunidade se encontra diante daqueles que “fazem festa por causa da morte das testemunhas” (cf. 11,10) mas esse tempo é curto porque a comunidade ouve mais forte a voz de Deus (cf. 12,10). E precisa entender que a salvação, o poder e o reinado são de Deus e a autoridade é de Cristo. E a vitória se dará “por causa do sangue do Cordeiro e por causa da Palavra do testemunho que deram; porque mesmo diante da morte, na perseguição, não se apegaram à própria vida” (cf. 12,11). O que se espera dos cristãos de ontem e de hoje é “que o justo pratique ainda a justiça, e o santo continue a se santificar” (cf. Ap 22,11).

Quando o Papa Francisco aponta a necessidade de refletir sobre o testemunho dos cristãos hoje, se percebe a falta de alegria e a radicalidade em assumir a Palavra e a cruz de Cristo. Ele indica as mesmas tentações em duas categorias de crentes – gnósticos e pelagianos. O primeiro são “escravos da superficialidade”, e o segundo “são escravos da rigidez” e “não são livres”, porque o Espírito Santo não encontra lugar em suas vidas.

Em outra ocasião Francisco exorta a todos cristãos: “Precisamos do impulso do Espírito para não ser paralisados pelo medo e calculismo, para não nos habituarmos a caminhar só dentro de confins seguros. Lembrem-se disto: o que fica fechado acaba cheirando a mofo e criando um ambiente doentio” (GeE, n. 133).

O comodismo seduz e quer dizer que não precisamos fazer mais nada, que deixe que as coisas continuem como estão. Que o Senhor venha nos despertar, diz o Papa “que Ele venha dar um abanão na nossa sonolência, libertar-nos da inércia” (GeE, n. 137), para que possamos avançar na vida como cristãos firmes sobre a rocha que é Jesus Cristo e a liberdade que nos dá o Espirito Santo.

Façamos a mesma prece das discípulas e discípulos das primeiras comunidades: “Agora, Senhor, olha as ameaças que fazem, e concede que teus servos anunciem corajosamente a tua palavra” (At 4,29).

Com Maria, façamos esta prece, ela que, conforme disse o Papa Francisco, “sabe bem o que significa estar fundado sobre a rocha”: “Alcançai-nos agora um novo ardor de ressuscitados para levar a todos o Evangelho da Vida que vence a morte. Dai-nos a santa ousadia de buscar novos caminhos para que chegue a todos o dom da beleza que não se apaga. (...) Estrela da nova evangelização, ajudai-nos a refulgir com o testemunho da comunhão, do serviço, da fé ardente e generosa, da justiça e do amor aos pobres, para que a Alegria do Evangelho chegue aos confins da terra e nenhuma periferia fique privada da sua luz” (EG, n. 288).

1. Será a primavera depois de um duro inverno. Entrevista com Leonardo Boff. IHU on-line, 18/03/2013. [↑](#footnote-ref-1)
2. <http://g1.globo.com/mundo/novo-papa-francisco/noticia/2013/03/g1-no-vaticano-papa-francisco-fala-sobre-escolha-do-nome.html>, 16/03/2013 [↑](#footnote-ref-2)